

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Associação Portuguesa de Estudos Clássicos

**Boletim
de
Estudos Clássicos**

vol. 46



Dezembro 2006

COIMBRA

Em 1550, D. Jorge foi nomeado duque de Coimbra pelo rei D. Manuel e nesse mesmo ano casou com D. Beatriz. Sobre este casamento escreveu Cataldo um *Epithalamium* que se encontra nos *Poemata* e foi reproduzido por D. António Caetano de Sousa no século XVIII nas *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa* de que há uma edição moderna, publicada pela livraria Atlântida de Coimbra em 1954. O *Epithalamium* encontra-se neste livro no tomo VI, parte II, p. 209-226.

Esta carta encontra-se traduzida em *Cataldo Parísió Sículo, Epístolas, II Parte*. Fixação do texto, tradução, prefácio e notas de Américo da Costa Ramalho e de Augusta Fernanda Oliveira e Silva. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2005, p. 131.

A. COSTA RAMALHO

MEDITATIO MORTIS NUM TEXTO DRAMÁTICO DO SÉC. XVI

A *meditatio mortis* é uma das reflexões mais fecundas da poesia dramática de Miguel Venegas. A morte como desejado repouso das agruras da vida é o tema de uma meditação de Elias (personagem da *Tragédia de Acab*, de 1562), quando o profeta, cansado da perseguição de Jezabel, se acolhe à sombra do junípero (vv. 688-760).

Qual Coro da tragédia grega, Elias reflecte sobre o significado universal da acção dramática e extrai dela ensinamentos para toda a humanidade. Inspirado ora em Horácio, ora em Virgílio, equaciona a oposição entre a riqueza e a pobreza, entre o poder e a servidão, entre a humana grandeza e a pequenez mais humilde.

O princípio evangélico da pobreza, por exemplo, converte-se naturalmente no *topos* clássico do elogio da vida simples. Mas quando Elias descreve a vida como lugar de exílio, sombra ilusória, aparência fugaz, é o pensamento platónico que preside à sua concepção do presente. Por isso, é falso o brilho da terra que nos hospeda, efémera a glória que nos seduz *Illinc inanis hospitae terrae nitor /Acie, caducae gloriae specie, opprimit* (v.697-698).

*Quid uita nostra? Nonne militiae grauis
Labor perennis, horror assiduus, breuis
Imago somni, floris adspectus fugax,
Fallax uoluptas, umbra laetitiae leuis,
Seges dolorum, tristis exilii locus,
Denique malorum foeda colluio omnium?
Et prorogari limitem uitae sibi
Quisquam molestae cupiat, et mortem gemat
Instare, tutum naufragae portum rati?* (vv. 702-710)

“Não é a nossa vida dura fadiga
De uma peleja permanente, um horror constante,
Breve imagem de quimera, aparência fugaz de uma flor,
Um contentamento enganador, leve sombra de alegria,
Uma sementeira de dores, um triste lugar de exílio,

A escória imunda, enfim, de todos os males?!
 Quem desejará ainda apartar o termo dos seus dias infelizes
 E lamentará que a morte se avizinhe,
 O porto seguro do naufrágio sempre certo?"

Imagem não menos poderosa é a metáfora da morte como porto seguro do naufrágio certo da vida, presente no v. 710, mas glosada frequentemente por outras personagens da mesma tragédia. Nesse outro sentido, o cristão espera a morte como quem espera o termo de uma viagem perigosa, o abrigo de tempestades, o regresso à pátria verdadeira. Também Cícero comparara a vida humana a uma viagem por mar (*Tusc.* 1. 118; *Ad Pham.* 9. 15, 3; *De Sen.* 19.7,1) e Séneca (*Herc. Oet.*, 112-116) descrevera a morte como um naufrágio violento, de onde só a alma se podia salvar.

Nas imagens sucessivas da vida terrena, numa acumulação verbal própria do estilo torrencial de Venegas, ressalta a concepção platónica de que o presente, fonte de dores e de sofrimentos, é feito de sombras e de reflexos imperfeitos do real e só pela morte realizamos a viagem de regresso. A morte é então vista como libertação final.

Satis, superque squalidus uixi senex!
Da posse, clemens o Pater, tandem mori
Caesisque fessam uinculis animam exime
 (...) *Peior optanti mori,*
Est uita morte... (vv. 725-728; 735-736)

“Basta! Estou velho e miserável. Vivi demais!
 Por isso, ó pai clemente, concedei-me a morte.
 Quebrai as amarras e arrancai delas esta alma exausta.
 (...) Para quem o desejo é morrer
 Pior que a morte é a vida...”

A influência platónica dos versos de Venegas torna-se mais visível se reconhecermos, na caverna do Acto II da tragédia (o lugar da teofania de Javé a Elias), os termos simbólicos da alegoria platónica. A aspiração pelo céu coincide, assim, com a nostalgia da felicidade, como exprime o platonismo cristão. A morte é a libertação da alma das amarras em que vive aprisionada (v. 727). Ao pedir a quebra das amarras, Elias pede o fim do encarceramento da alma, sujeita à carne, para finalmente contemplar a vida

verdadeira. Neste sentido, o cristão espera a morte como quem espera o fim de um exílio ou de um cárcere.

Uma e outra imagem permitem, com efeito, reconhecer na linguagem do dramaturgo, um arquétipo platónico, mas esta *meditatio mortis* é antes de mais erasmista. A *Praeparatio ad Mortem* (1534) de Erasmo, obra por todos considerada o seu testamento religioso e espiritual, exprimira também uma meditação platónica sobre a morte, sem esconder a mesma aspiração por esse momento libertador. Além disso, a *Praeparatio ad Mortem* de Erasmo suscitara em Espanha (de onde o poeta era natural) uma outra obra de inspiração comum, que veio a ser uma das obras-primas da literatura ascética quinhentista: a *Agonia del tránsito de la muerte*, que o Mestre Aleixo Venegas fez publicar em Toledo, em 1537. A obra de Aleixo Venegas, publicada três anos depois da *Praeparatio ad Mortem* de Erasmo, foi, em Espanha, um dos principais veículos de transmissão da reflexão erasmista sobre a morte. Na verdade, uma comparação entre o texto do escritor místico Aleixo Venegas (1534) e o do jesuíta dramaturgo Miguel Venegas (1562) revela surpreendentes semelhanças, quer do ponto de vista do conteúdo, quer da forma. Embora o místico escreva em vernáculo, até mesmo no estilo os autores parecem proceder de uma inspiração comum, caracterizada pela abundância verbal e a acumulação de imagens.

Se a linguagem de Venegas, dramaturgo, acerca da morte é platónica, é-o por herança erasmista, como acontecia com a tradição mística espanhola, que o jesuíta assimilou.

MARGARIDA MIRANDA